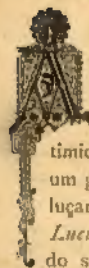
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

(EDIÇÃO ESPECIAL DA LIVRARIA GOMES)

N.º 14 | Domingo 2 de abril | 1893

REGINA PACINI

As pessoas que conhecem Regina Pacini de a ouvir cantar em S. Carlos, não pódem fazer uma ideia exacta do que ella é tratada na intimidade. Talvez a julguem timida e taciturna, de um genio concentrado e triste, porque a viram soluçar os queixumes da *Somnambula* e da desditosa *Lucia*, quando, pelo contrario, a nota dominante do seu caracter é a alegria, uma alegria expansiva, clara, quasi infantil, mixto de irreflexão e de bondade, que lhe imprime á physionomia uma graça especial e ao espirito uma pontinha d'aquella ironia, que não offende mas encanta, e que dá á conversa o sabôr picante que a pimenta e o sal dão á comida. Ou ella não fosse filha de uma gaditana!

Quando ha dias a procurei em casa para lhe mostrar o medalhão destinado á *Semana de Lisboa*, e lhe annunciei este artigo, Regina observou-me a sorrir:

—Outro artigo?

—Como outro? —perguntei eu.

Referiu-se amavelmente ao que escrevi, quando ha cinco annos o distincto gravador Luciano Lallemant imprimiu o seu retracto n'uma folha de setim branco para lh'o offerecer no dia da sua festa artistica.

Já me não lembrava do que então escrevêra; mas a gentil cantora conservava o artigo e o retracto cuidadosamente guardados n'uma pasta de setim, junto com as corôas e os ramos, que tem colhido nas suas noites de triumpho.

Pedi-lhe que m'o mostrasse.

—Mas, Regina — disse-lhe eu, depois de lêr o artigo — vou reproduzil-o, se m'o consente.

Accedeu graciosamente Regina ao meu pedido, e é com sincero prazer que o reproduzo aqui:

«Menina e moça — como diria hoje Bernardim Ribeiro, se falasse de Regina Pacini.

E seu pae, que era romano, se descrevesse em latim a formosura da filha, empregaria de certo esta palavra — *gracilis* — palavra que significa magreza e tenuidade, sem excluir a delicadeza e a graça dos contornos. Regina Pacini tem apenas 17 annos. Está na transicção encantadora da creança para a mulher, na edade em que a aurora do pudôr vae a pouco e pouco dissipando as innocencias da puericia, quando ainda resta uma ligeira saudade dos brinquedos da infancia e já no coração vae despertando uma vaga e tenue aspiração para o ideal e para o amor.

Os que a ouviram, a admiraram e applaudiram na noute da sua estreia, em S. Carlos, recordavam-se de a ter visto, poucos annos antes, n'aquelle mesmo theatro, borboleteando de camarim para camarim, sendo o enlevo das cantoras, que disputavam o prazer de ter nos braços a graciosa *bambina*.

Acostumou-se assim ao theatro, desde os mais tenros annos, sentindo já o seu pequenino coração tremer em fremitos de enthusiasmo quando as ovações, as palmas e as flores coroavam o triumpho de qualquer celebridade.

A arte grega representa Achilles recebendo a educação do centauro Chion. Ainda menino, quando os

seus delicados bracinhos mal podiam cingir o collo materno, e os seus pequeninos pés mal sustinham o peso do corpo, já Achilles segurava com firmeza o arco e com mão certeira despedia a flecha!

Regina Pacini — semelhante ao famoso heroe da lenda — foi desde pequenina educada para a carreira do theatro. E, todavia, o publico que assistiu á recita da *Somnambula* não esperava que n'aquelle debil corpo de creança estivesse o talento de uma artista tão extraordinaria.

Ainda nos ouvidos de todos palpitava o echo da voz maravilhosa da Nevada, que, dias antes, tinha cantado aquella mesma opera. A estreia de Regina era mais que corajosa; chegava a ser temeraria. Pois, apesar dos perigos do confronto, logo que ella terminou a *cavatina* do primeiro acto, todo o theatro rompeu no mais caloroso e no mais enthusiastico applauso. É que nem a propria Nevada tinha na voz aquella frescura, aquella suavidade, aquella firmeza, emittindo a nota com a limpidez crystalina com que ella póde sahir de uma flauta, No *rondó* do ultimo acto, Regina Pacini foi incomparavel! A temeridade transformou-se n'um verdadeiro triumpho!

E nada ha tão sympathico, tão commovente, e que tanto nos faça estremecer o coração de jubilo, como ver aquella formosa cantora correspondendo aos applausos do publico com um sorriso encantador, em que mais irradiava a alegria de uma creança festejada, do que o justo orgulho de uma artista victoriosa.

Diz-se que a Malibran costumava ceiar no camarim, meia hora antes de entrar em scena. Vestida com o trajo de *Desdemona* ou com o trajo de *Arsace*, a grande cantora comia costelletas de carneiro e bebia depois meia garrafa de Sauterne, para se animar.

Regina Pacini não ceia. Nenhum licôr, por mais delicado, por mais fino e capitoso a anima tanto, como o rapido beijo que ella, ao entrar em scena, já tremula de commoção, recebe dos labios extremosos de sua mãe.

E é com aquelle puro e delicioso *viatico* que Regina Pacini se encaminha gloriosamente para a Posteridade.

E que prazer eu tenho de lhe ir lançando no caminho algumas modestas flores! . . . »

Vejam se, depois d'isto, é tão impossivel como affirma o proverbio ser-se propheta na propria terra!

Vão decorridos cinco annos depois que Regina se estreiou; e nos theatros de Madrid, de Londres, de Milão, de Palermo, de Sevilha e de Moscow figura já o seu nome entre os mais gloriosos.

Foi, depois d'esses cinco annos de ausencia, que ella voltou a cantar entre nós, entrando no theatro, onde colhêra as primeiras corôas, com o mesmo jubilo radiante com que os antigos cavalleiros regressavam á patria, para depôr aos pé da mulher amada as immarcessiveis palmas do triumpho.

E na recepção que fez á sua entrada em scena e na homenagem que lhe prestou na noite da sua festa, o publico de S. Carlos procurou não só manifestar á cantora a sua admiração, mas ainda mostrar-lhe a alegria e o reconhecimento por ella ter alcançado para o nome portuguez um honroso logar entre as primeiras celebridades da arte lyrica.

No seu reportorio entram a *Somnambula*, a *Lucia de Lamermoor*, a *Flauta Magica*, o *Hamlet*, a *Dinorah*, o *Rigoleto*, o *D. João* e o *Barbeiro de Sevilha*. O *Barbeiro de Sevilha*, sim! E que graciosa *Rosina* que ella faz!

Mas, até hoje, apesar de mais de uma vez ter ouvido cantar á sua porta, no silencio amoroso das noites de Andaluzia, as apaixonadas trovas de *Lindor*, ainda *Rosina* se não dispoz a abrir, á voz dos namorados, as gelosias da sua janella! E *Figaro* não tem entrada em casa, porque não ha lá *D. Bartholo* que precise de ser barbeado!

GRAZIEL.

POLITICA SEM POLITICA

Não se pode dizer que para o *touriste* nacional, que aproveita os feriados da Semana Santa n'uma pequena excursão a Azeitão, a Cintra da Outra-Banda, a estrada que conduz do Barreiro á villa Nogueira, uma das onze povoações d'esta admiravel e fecundissima região, — não se pode dizer, iamos dizendo, que para aquelle viandante essa estrada seja propriamente a *estrada de Damasco*.

Na estrada de Damasco se converteu S. Paulo. Na de Azeitão se não converterá nenhum transeúnte, santo que seja, pois n'ella se demonstra em mais um exemplo a nossa linda desorganisação de tudo.

A pretexto de altas questões de diminuição de despezas, suspende-se a conservação das estradas, e o resultado é que começam a deixar de ser estradas, para se transformarem em lameiros insondaveis ou quebra-costas inevitaveis.

Resultado pratico: d'aqui a dois ou tres annos não ha estradas, é necessario fazer estradas novas, e como não ha dinheiro, fica-se sem estradas velhas ou novas.

E no que respeita a passeios para Azeitão, voltaremos aos pittorescos caminhinhos de pé posto, e ao tradicional

Arre, burrinho, para Azeitão!

A não ser que o Doutor Bernardino Machado, ministro intelligentissimo das obras publicas, ordene do que é muito

capaz, que se comece a pensar na conservação das estradas.

Ao menos, para que, quando nos não reste outro recurso, nos fique o de... passeiar.

Azeitão, 30 de março.

Impoliticus.

CHRONICA ELEGANTE

É sempre a egreja dos Inglezinhos ou a egreja de S. Luiz, rei de França, que as senhoras da sociedade elegante preferem para assistir, na semana santa, aos officios divinos da Paixão.

Parece que a voz dos sacerdotes estrangeiros se insinua melhor nos corações delicados e dispõe melhor as consciencias para o fervôr da contricção e do arrependimento.

Não se vê n'aquellas duas egrejas a agglomeração que se nota nos outros templos, onde os fieis entram em magote, quasi tumultuariamente. Tudo ali é discreto, polido e respeitoso. As senhoras atravessam silenciosamente as naves com a mesma delicadeza aristocratica com que atravessam o *parquet* de um salão. Uma vez collocadas em frente do respectivo *prie-Dieu*, levantam um olhar de piedade e de adoração para a cruz velada do altar-mór, e baixam-n'o depois, n'um recolhimento profundo e terno, sobre as paginas illuminadas do Missal. Terminada a oração, que dura dous ou tres minutos, sentam-se graciosamente; e abatendo as pregas rebeldes do vestido de sêda e ageitando o laço do chapeo, assestam o *lorgnon* pelas assistentes, distribuindo á esquerda e á direita, adoraveis sorrisos e ligeiros acenos de cabeça.

Emquanto dos thuribulos não sobe a nuvem azul do incenso, a cada lenço de rendas que se agita, exhala-se no templo o vago e delicioso aroma de verbena ou d'outra essencia preciosa que se respira na dôce atmosphera de um *boudoir* elegante.

Terminados os canticos arrastados dos sacerdotes, ha um momento em que todo o auditorio se move, para melhor se installar. Cessa, porém, o *frou-frou* das sêdas que se tocam, e todos os olhares convergem para o pulpito, onde, na penumbra severa do templo, se destaca a figura magestosa do prégador.

Perante aquelle escolhido auditorio, a palavra do oradôr não tem a severidade dos antigos prégadores ruraes. O Deus de que nos falla é cheio de clemencia e de ternura, tem um perdão para todas as culpas, um alivio para todas as afflicções, um balsamo para todas as feridas.

Ha na voz do oradôr alguma cousa de ineffavel e de inebriante que penetra em todas as consciencias. Não exige muito. Exhorta as fieis a que se arrependam dos seus peccados, e, percebendo nos soluços maguados do audictorio a sinceridade da contricção, perdôa em nome de Deus, e envia a absolvição, que acaricia e consola, como se do proprio ceo houvesse descido a luz divina para purificar todos os corações.

E, passados alguns minutos, abrem-se as portinholas brazonadas das carruagens que alli esperavam em fila, os trintanarios sobem lestos para as almofadas, e aquelle delicado e elegante grupo dispersa-se pelas ruas da cidade, procurando nas montras das confeitarias os melhores *bon-bons* de Boissier.

Houve, porem, uma senhora, que costumando atravessar sempre as ruas da cidade em carruagem, as percorreu, na quinta-feira santa, a pé. Foi Sua Magestade a Rainha. Singellamente vestida de preto, e acompanhada pela sua dama e pelo seu veadôr de serviço, a augusta soberana visitou as egrejas, caminhando por entre a multidão dos fieis, sem distinctivo algum que denunciasse a sua alta hierarchia. Entrou em todos os templos, sem escolher um logar especial, ajoelhando e orando junto das mulheres do povo. Ás alas de respeito que lhe faziam á sua passagem, correspondia a Rainha com o mais adoravel sorriso de reconhecimento, e de cada egreja que sahia ia distribuindo com mão piedosa abundantes esmolas pelos pobresinhos que d'ella se acercavam.

Foi este um nobre exemplo de humildade dado por Sua Magestade a Rainha, e que lhe ha-de merecer as bençãos de Deus, como lhe mereceu os louvores do povo.

GRAZIEL.

Jesus Ressuscitado

A historia de um grande homem termina no tumulo. Entra elle pela morte n'um mundo invisivel que nos é vedado. Não o vemos nem o ouvimos mais; não nos resta d'elle, com a sua lembrança, senão os seus discipulos, as suas doutrinas, as suas instituições, as suas obras e a acção secreta do seu espirito immortal. Mas como a origem de Jesus é differente da nossa, a sua morte é tambem differente da nossa morte.

Estava a declinar o sabbat. As santas mulheres, as servas fieis de Jesus, chorando o Senhor amortalhado, não pensavam senão em o honrar na morte. Maria Magdalena, Maria, a mãe de Thiago, e Salomé, voltaram ao Golgotha para ver a sepultura. Depois do sol poente, compraram os perfumes, que queriam espalhar sobre o corpo de Jesus.

No dia seguinte, á primeira hora, antes do alvorecer, deixaram Bethania, dirigiram-se para o Golgotha levando os aromas preparados de vespera. No caminho diziam entre si:

— Quem removerá a pedra da entrada da sepultura?

Nenhuma d'ellas duvidava do extraordinario successo que se dera, no momento em que sahiam de Bethania.

De repente, a terra estremeceu. Uma força divina, um anjo de Deus, diz o Evangelho, baixou do ceo. Removera a pedra da entrada, e n'ella se sentou. O seu rosto era como um relampago, e o seu vestuario branco como a neve. Os guardas, ao vel-o, fulminados de terror, cahiram como mortos, e, ao recobrarem animo, deitaram a fugir.

Era sol nado, quando as mulheres chegaram ao Golgotha; e, ao olharem para o tumulo, viram-n'o aberto: a enorme pedra tinha sido removida. Maria Magdalena julgou que

tinham roubado o corpo do seu Senhor, que havia sido commettida uma profanação, e, emquanto as suas companheiras penetravam no interior do sepulchro, onde, effectivamente, nada encontraram, Maria Magdalena foi ter com Simão Pedro e com João, o discipulo dilecto de Jesus, e disse-lhes afflicta:

— Roubaram o meu Senhor, e não sabemos onde o pozeram.

Pedro e João sahiram immediatamente, dirigindo-se ao sepulchro. Não andavam, corriam, segundo a expressão d'um d'elles; é o proprio João que refere o caso. Chegou primeiro; e, abaixando-se na abertura da gruta, viu a mortalha em terra, mas não entrou. Pedro, que o seguia, entrou resolutamente; viu com effeito a mortalha em terra, e o sudario que envolvia a cabeça de Jesus separado do lençol e dobrado n'um sitio affastado. João entrou com Pedro na sepultura; viu, e acreditou no que lhe dissera Magdalena, que o Senhor havia sido roubado.

A ideia da ressurreição de Jesus, e da sua ressurreição na carne, não lhe accudiu ao espirito: ainda a não conhecem, segundo diz o Evangelho; e ainda que tivessem ouvido muitas vezes o Mestre annuncial-a em termos claros, não a comprehendiam bem. Viam-n'a atravez dos preconceitos religiosos; deviam confundil-a com o advento do Messias na magestade e brilho do seu Reino.

Por isso, depois de terem visitado o sepulchro, voltaram para casa, tristes e desalentados.

As mulheres, entregues ao seu luto e á sua tristeza, erravam no jardim. Maria, de pé, á entrada da gruta funeraria, chorava; n'um momento em que se debruçava para ao menos ver o logar em que tinham deposto o corpo de Jesus, enxergou, sob forma humana, dois anjos vestidos de branco, um á cabeceira e outro aos pés do leito sepulchral.

— Mulher — disseram-lhe elles — porque choras?

— Roubaram-me o Senhor — respondeu ella — e não sei para onde m'o levaram.

Dizendo estas palavras, voltou a procural-o com os olhos cheios de lagrimas.

Viu Jesus de pé, mas não o reconheceu.

— Mulher — disse-lhe Jesus — porque choras? Quem procuras?

Pensando que era o jardineiro, respondeu ella:

— Se foi quem o levou, diga-me onde o poz, que eu irei buscal-o.

Jesus chamou-a pelo nome: «Maria».

Ao som d'aquella voz, d'aquelle nome que ella tanta vez ouvira, reconheceu o seu Senhor.

— Oh! meu Senhor — exclamou Maria — cahindo-lhe aos pés para os beijar, como costumava fazer quando elle era vivo.

— Não me toques — observou Jesus — porque ainda não subi para juncto de meu Pae. Vae, porém, ter com meus irmãos e dize-lhes: «Eu vou subir para junto de meu Pae e vosso Pae, para junto do meu Deus e vosso Deus.

Estas palavras mysteriosas advertiram Magdalena de que ainda não era chegada a hora de gosar a presença divina do seu Senhor e da sua humanidade transfigurada. Elle não volta á terra senão para logo desapparecer. Ainda não está na região da immortalidade, vae para juncto do Pae, para o seu Reino glorioso. É lá que se ha-de realisar a communhão total com elle n'uma posse que não acabará nunca e em transportes que nada de terrestre perturbará.

No entretanto, confia á sua serva mais amada a mensagem que promette a communhão ineffavel para a qual Jesus convida no ceo todos os seus fieis, — seus irmãos, como elle diz.

Ninguem merecia mais do que Magdalena ser mensageira de Jesus.

Foi a mulher que primeiro o viu ressuscitado, que lhe ouviu a voz, que comprehendeu porque estava devoluta a sepultura. O corpo do amortalhado não fôra roubado. A virtude omnipotente de Deus, exercendo por meio de seres invisiveis que são os seus enviados, removeu a terra, desviou a pedra que fechava o seu sepulchro; e o crucificado levantou-se vivo, triumphante, glorioso.

Reanimou o seu cadaver que não devia soffrer a decom-

FOLHETIM

AQUELLA CASA TRISTE...

(1872)

I

Quem sabe ahi dizer o que Deus quer de nós!

O degredado, na volta da patria, alli morreu n'aquelle naufragio, depois que ajudou a salvar as crianças, as mulheres e os anciãos, despedindo-se de todos com aquelle sereno adeus que dissera á filha do *Africano*.

E Deolinda, quando soube que elle era um dos vinte e cinco cadaveres escalavrados na costa de Cabo Verde, chorou poucas lagrimas, e parecia querer romper no seio uma represa d'ellas, que lhe delíam os estames da vida.

— Estamos pobres! — exclamava o pai.

— Temos de mais para o que havemos de viver — respondia ella com uma alegre serenidade.

— Porque has de tu morrer, minha filha? — volvia elle já conformado com a desgraça.

— Porque senti ha pouco um estalo no coração, e cuidei que morria abafada. Passou esta ancia, mas sei que hei de morrer d'isto. Parece que vejo a sepultura aberta, e que o frio do cadaver me trespassa.

O pai aconchegou-a do seio, como quem aquece uma criança enregelada, e soluçou:

— Ó meu Deus! levai-me minha filha, quando eu me queixar da vossa vontade que me reduziu a esta pobreza!

II

Quando soou em Ruivães a nova de haver chegado ao Porto o *Africano*, com a filha, os homens ricos e pobres, da terra e de fóra, contribuiram com mais ou menos para se lhes fazer uma espera de estrondo em Famalicão. Contractaram-se as bandas musicaes mais em voga, ou *mais na berra*, como diziam os antigos. Parece que a phrase s iscentista foi inventada particularmente para as orchestras d'aquelles sitios, as quaes *berram* pelas suas guelas de metal, quando a paixão philarmonica as não exalta do berro ao mugido, do mugido ao urro, e do urro ao bramido. Ha alli trombetas que parecem ter assistido ao arrazar-se da Jericó da Biblia, e se reservam para trovejarem o horrendo signal da resurreição em Josaphat.

Eram quatro as philarmonicas chamadas a festejarem a entrada de Antonio Duque no concelho. A musica de Landim, famosa por seis cornetas de chaves, que executavam valsas e peças theatraes, de modo que, se Ducis as ouvisse, diria que a opera lyrica balbuciára os seus primordios entre as florestas druidicas. A banda de Fafião competia com a de Gumfões na substancia das trompas e troadas das caixas. A de Ruivães avantajava-se ás tres rivaes na delicadeza das modas e sentimentalismo com que as charamellas respiravam o sopro d'aquelles

posição do tumulo. D'ora em deante, está vivo e não póde morrer.

O seu corpo — o mesmo que entregou ao soffrimento e a todas as torturas da crucificação — está liberto para sempre da lei da dôr e da corrupção. Não póde alterar-se nem soffrer. Adquire uma especie de espiritualidade. A materia, com as suas espessuras e a sua opacidade, já o não prende: tem a subtilidade que penetra a materia. A gravidade não o impelle, o espaço não o aprisiona: é rapido e agil como a vontade que elle domina e de que é o instrumento perfeito. É, quando lhe apraz, tangivel e visivel; apparece e desapparece, quando quer. Como a alma toma a forma das suas ideias, o corpo de Jesus reverte as apparencias que lhe convem, sem prejuizo da sua natureza e da sua identidade. Conservou, porém, as cicatrizes: serão o vestigio glorioso e perduravel das suas luctas terrestres, e até no seu Reino celestial attestarão a sua victoria contra o peccado e o seu amor infinito pelos homens.

(Do livro *Jésus Christ*.)

R. P. Didon.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

O FOLAR DOS POBRES

Amendoas, bolos e confeitos são bom folar para os ricos, que pódem desperdiçar no superfluo o que lhes sobra do necessario. Mas ao pobresinho, que padece privações, nada aproveitam esses delicados manjares, que não mitigam a fome e só satisfazem a gula.

Ha, pois, um meio de distribuir pelos indigentes um bom folar, que lhes aproveite mais e que mais os console do que qualquer eguaria de confeiteiro: é a roupa que já não vestimos, ou porque passou de moda, ou porque está um pouco damnificada pelo uso. Todos esses vestuarios que assim se tornaram inuteis para uma pessoa abastada são uma preciosidade para o pobre, que com elles se defenderá dos rigores do frio.

Mas não basta entregar ao pobre a roupa no estado em que a abandonamos do nosso uso; é preciso modifical-a de feição a poder servir á pessoa a que se destina. Assim, se uma senhora rica dér a uma mulher pobre um vestido que já não usa, deve tirar-lhe todos os enfeites e guarnições, porque não ha espectaculo mais lamentavel do que vêr uma desgraçada arrastando na lama das ruas esses enfeites desbotados e esfarrapados. Que proveito póde tirar de todos esses vestuarios abandonados a mão engenhosa de uma mulher, convertendo-os em roupa para uso dos pobresinhos! Como de um par de meias, convenientemente aproveitados, se póde fazer uma boa camisolla para uma creancinha!

Toda essa roupa usada, que se dá aos pobres, deve ser restaurada antes para que melhor lhes aproveite. Os infelizes que trabalham nas fabricas e que teem de estar todo o dia fóra de casa, não teem tempo, e muitas vezes não teem meios, de apropriar e restaurar essa roupa para seu uso. N'estas condições de pouco lhes póde servir a esmola.

A Baroneza de Staffe, que assim aconselha aos ricos a soccorrer os indigentes, accrescenta:

«Mas o que é uma caridade mais delicada e mais util é mandar lavar a roupa que se entrega aos desgraçados, aos quaes a falta de limpeza dá um aspecto ainda mais miseravel e até repugnante.»

Ahi fica, pois, lançada a ideia de, no dia de hoje, consagrado ás festas da Paschoa, se distribuir pelos pobres um bom e util folar.

UMA RECEITA

O parquet. — Querem transformar o soalho d'uma sala n'um elegante *parquet*?

Deite-se n'um vaso qualquer uma porção de cêra d'abelha, cortada em laminas pequenas e por cima da cêra essencia de terebenthina. Deixe-se ficar isso assim toda a noite, até formar uma massa compacta. No dia seguinte, depois do soalho bem esfregado e sêcco, estende-se-lhe a massa por meio de um pedaço de lã. Estando secca, esfregue-se bem com uma escova, até ficar lustrosa.

Para conservar o polimento do *parquet*, esfregue-se todas as manhãs com um pedaço de lã, que se humedece em petroleo duas vezes por semana. Depois, esfregue-se com uma escova.

---

musicos, cujas bochechas pareciam estar cheias de alma e castanhas assadas.

Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os innocentes deleites que prodigalisam ao seu auditorio as quatro bandas musicaes de Landim, Fafião, Ruivães e Guinfões. Quando algum amigo vai alegrar o ermo de S. Miguel de Seide, chamo logo a musica mais delicada, a de Ruivães; principalmente se o amigo é de Lisboa, e frequentador de S. Carlos. O senhor visconde de Castilho e seu filho Eugenio são chamados a depôr n'este processo da immortalidade que vou instaurando ao figle e á requinta, principalmente á requinta de Ruivães. Não vi o senhor visconde chorar de prazer, mas observei que s. exc.ª estava commovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da *Maria Caxuxa*.

Thomaz Ribeiro, o poeta eminente, recolhia-se ás vezes, não ao seu quarto a calafetar os ouvidos, mas ao intimo de sua alma a fazer viveiro de inspirações. Eugenio de Castilho, o poeta das phantasias louras, quer a musica de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinoes das ramarias lhe déssem invejas dos seus amores, fosse o que fosse, foi assaltado e vencido d'uma paixão.

Esta paixão tem uma historia. Não sei se elle tenciona escrevel-a nas suas memorias posthumas; e, assim, contal-a eu, é esbulhal-o da novidade e primazia; desconfio, porém, que o meu hospede e amigo desconhece a historia d'aquella rapariga de cabellos de ouro e ancas boleadas que deslumbrava a duzia de moças requebradas que lhe apresentei na eira.

Chamava-se ella Amelia de Landim. Contava-se que tinha vindo para alli da roda dos expostos de Barcellos. Naturalmente, porque era linda e pobre, ou se vendera ou tinha sido vendida. Assim se disse; mas o certo foi que um filho de lavrador rico lhe dera o impulso no alto da ladeira, ao fundo da qual estava a voragem. Póde ser que a alma se abysmasse e requeimasse no fogo dos infernos por onde resvala a mulher perdida. Póde ser. Do corpo é que ella não perdera a menor belleza; nem sequer o viçor dos dezoito annos.

Teria então vinte e cinco. Não era belleza peninsular. Aquelle escarlate, os olhos azues, os opulentos cabellos louros, a pujança das fórmas, a musculatura rosada e rija, a elegancia congenita, o riso, a desenvoltura sem despejo, a graça lubrica do trajo, em fim, a mulher, os arvoredos, a musica de Ruivães, nomeadamente a requinta, e em meio de tudo isto um rapaz de vinte e dous annos, poeta porque é Castilho, e ardente porque é trigueiro, e apaixonado porque é ardente, eis aqui o porquê d'aquelles amores.

Castilho carecia de um confidente com ouvidos e critica. A poesia não lhe deu para se confidenciar com os sobreiros da matta, nem me consta que elle se andasse a entalhar na cortiça iniciaes e datas.

O seu confidente foi o morgado de Pereira, ultimo senhor da honra e couto de Esmeriz, um rapaz de grande coração, que eu apresentei, no Limoeiro, a José Cardoso Vieira de Castro, que, em 5 de outubro do anno passado, morreu no degredo, para onde o acompanhou aquelle morgado. Este neto dos Ferreiras Eças, e dos remotos castellões de Riba d'Ave, é hoje em Cassengo, na Africa, negociante de café, de marfim, de gommas, de farinhas, etc. Depois de haver bandarreado vida de fausto, com muitas illusões perdidas, mas pouquissimas lagrimas, porque a desgraça lhe anda sempre a morder os tacões das botas, em dia de fieis defuntos, ajoelhava, e então chorava, no cemiterio de Loanda,

Anniversarios da semana

Domingo 2 — As sr.as: D. Christina de Magalhães, D. Maria Candida da Costa Pereira Peixoto, D. Anna de Bessa Alcoforado, D. Maria Ignacia Borges de Faria, D. Maria do Carmo da Costa Lopes, D. Maria Carolina Lima da Fonseca.

E os srs.: Visconde da Ribeira Brava, Dr. José Ferreira Pinto Basto, Dr. José de Freitas Amorim Barbosa, Emilio Achilles Monteverde Junior, Francisco Pereira Couceiro.

Segunda-feira 3 — As sr.as: Condessa do Bracial, Viscondessa de S. Thiago de Cacem, D. Maria Emilia de Bessa Seide, D. Christina de Sampaio Ferreira, D. Maria Maxima de Castro Monteiro Maia, D. Maria José Lima de Moraes, D. Maria José dos Prazeres Lopes Viegas.

E os srs.: Dr. José Borges Pereira de Faria, Pedro Corrêa da Silva Sampaio (Castello Novo).

Terça-feira 4 — As sr.as: Viscondessa de Castro Guedes, D. Maria da Gloria Castilho, D. Leonor Manuel (Atalaya), D. Luiza Cardoso Martins da Costa Macedo (Margaride), D. Luiza d'Almada, D. Helena de Carvalho, D. Julia Carvalhal Corrêa Henriques, D. Maria José Bivar de Sousa, D. Maria Josephina de Caceres Monteiro.

E os srs.: José Frederico Teixeira Ribeiro (Prime), Antonio Homem de Figueiredo Leitão (Cario), Alexandre de Castro Pereira, Annibal Jorge d'Avilez, Antonio Pessoa d'Amorim, Vasco Ferreira Pinto Basto, Luiz d'Araujo, Alvaro Adolpho Alvim Marques, Henrique O'Neill de Groot Pombo.

Quarta-feira 5 — As sr.as: D. Maria Amalia Pinto (Castro e Silva), D. Maria Balbina Pamplona, D. Maria do Patrocinio Ferreira dos Santos, D. Amelia Perry Vidal dos Santos, D. Elisa Maria Anna d'Almeida Ribeiro Neves, D. Camilla Maldonado Infante Pessanha, D. Maria do Resgate de Pina Manique.

E os srs.: Conde de Tavarede, D. Fernando de Sousa Coutinho (Linhares), Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, Agostinho de Carvalho.

Quinta-feira 6 — As sr.as: D. Carlota José de Mendóça (Azambuja), D. Maria Ignez d'Almeida Manuel de Vilhena, D. Rosabella Couvreur Chiança, D. Thereza Barbara de Sousa Machado.

E os srs.: Conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira, Antonio José Ferreira d'Almeida (Carvalhido), Joaquim Eduardo do Vadre de Mesquita e Mello (Andaluz), Carlos Henriques Higgs, Alvaro Roquette.

Sexta-feira 7 — As sr.as: D. Emilia de Castello Branco (Bellas), D. Maria Luiza da Cunha Menezes Braamcamp Freire, D. Amelia Augusta Barbosa de Vasconcellos, D. Isabel Maria Leonor e Sousa, D. Marianna José Pereira de Moraes.

E os srs.: D. José Damaso de Guedes Freire, Dr. Frederico Antonio Ribeiro Neves, Julio Augusto Palmeirim.

Sabbado 8 — As sr.as: Condessa de Villa Real, Viscondessa da Ribeira Brava, D. Maria Amalia Pereira da Rocha de Magalhães (Alpendurada), D. Francisca de Miranda, D. Ignacia Patricio Alvares Couceiro, D. Rosa Archer, D. Maria da Soledade Mourão.

E os srs.: Barão de Fonte Bella, General Antonio José de Sousa, Dr. Eduardo d'Abreu, Dr. Ignacio Henrique do Casal Ribeiro, Thomaz Julio da Costa Sequeira, Manuel Severo Paes.

EPHEMERIDES SEMANAES

23 — Funeral do conselheiro Manuel de Assumpção.

24 — Inauguram-se as carreiras do ascensor da Graça.

— Recebe-se em Lisboa a noticia de haver fallecido em Washington o barão d'Aguiar d'Andrada, antigo ministro brazileiro n'esta côrte.

27 — Chega de Paris o sr. Emygdio Navarro, ministro portuguez em França.

— Faz o seu exame para general o sr. coronel Queiroz, assistindo El-Rei e o sr. Infante D. Affonso.

— Reune o conselho geral penitenciario, para dar parecer sobre os perdões da Semana Santa.

28 — Festa artistica da prima-donna Regina Pacini, em S. Carlos.

29 — Reune o conselho superior d'agricultura, organisando a commissão permanente de cereaes.

— Reune pela primeira vez a commissão de inquerito monetario.

---

defronte do cómoro onde jaz Vieira de Castro, o mais sublime desgraçado que os homens injuriaram, desde que o sol de Deus aquece condições de feras dentro dos covis que se chamam arcas do peito.

Ó meu caro morgado, estas linhas não chegam ao seu sertão, nem eu desejo que as leia, para lhe não darem rebates de saudade d'aquellas noites de 1866, quando vossê e mais o seu gentil confidente, com intervenção da lua, fallavam da Amelia de Landim, em quanto os meus queridos visconde de Castilho e Thomaz Ribeiro se embellezavam nas trovas da Custodia da Feira, que seria Hypathias, se nascesse na Grecia, ou Corina, se os amavios de Italia lhe coassem no seio cousas mais limpas do que as coplas que a trovadora do Minho tirava do estomago em perfumes de vinho verde.

Não sei como Eugenio de Castilho sahiu de S. Miguel de Seide, pelo que respeita á alma. Lá dizia-se que Amelia, a douda, vehementemente apaixonada, iria depois elle. Eu receei o lanço de fino amor, d'onde adviriam ao meu hospede agros desgostos. Se os de Lisboa lh'a vissem, quantos rivaes, que mordentissimos ciumes! Aquillo era mulher para destinos extravagantes. Que a sentassem n'uma friza de S. Carlos! Os binoculos assestados n'ella seriam tantos como as paixões, e ao outro dia a engeitada de Landim, se não fizesse ministerios, havia de fazer muito amanuense de secretaria, e dar vazão ao estanque de muito bacharel.

Não foi: estava-lhe reservado menos brilhante, mas mais pacifico destino.

Um dia, appareceu em Landim um homem de Barcellos, procurando a mulher, que trouxera da roda dos expostos, em 1851, uma menina chamada Amelia. Vivia ainda a ama que a creára. Foi chamada a exposta á presença do homem que se dizia portador de uma fausta nova.

Chegou Amelia, e recebeu do velho desconhecido o tratamento de *excellencia*. Cuidou-se ella ludibrio do sujeito, e riu-se ás casquinadas para lhe agorentar o prazer da zombaria.

No em tanto, o velho, composto gravemente o aspecto, disse-lhe:

— Minha senhora, não é para gargalhadas a missão que venho cumprir...

— Pois v. s.a está a dar-me *excellencia!* — volveu Amelia.

— Dou lhe o tratamento de seu pai e seus avós. Seu pai, o snr. Alvaro de Mendanha, antiquissimo fidalgo e representante dos alcaides-móres de Barcellos, falleceu ha tres dias com testamento, em que declara que houvera de uma sua parenta, áquelle tempo freira no mosteiro de Vayrão, uma filha, que por justos motivos expozera, assignalando-a com o nome e outras circumstancias. Acrescenta que tem noticia de existir em Landim essa menina, que elle reconhece sua filha, e a institue sua universal herdeira. É v. exc.a por tanto a herdeira do snr. Alvaro de Mendanha.

Camillo Castello Branco.

(Continúa.)

— Reune o Conselho d'Estado para dar parecer sobre os perdões da Semana Santa.

30 — Sua Magestade a Rainha visita a pé as egrejas onde está exposto o Senhor e distribue avultadas esmolas.

31 — São assignados por El-Rei os perdões da Semana Santa.

— Verifica-se a procissão do enterro, que ha muitos annos se não realizava.

1 — Manifesta-se um grande incendio no theatro *Bijou Infantil*, á rua do Moinho de Vento, communicando-se aos predios contiguos.

— Ás 3 horas da tarde, houve se um grande e unico trovão, cahindo uma faisca electrica n'um predio da rua de Buenos-Ayres.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Foi dos mais brilhantes festas a que temos assistido a que na terça feira se realisou no theatro de S. Carlos, em honra da gentil *prima-dona* Regina Pacini.

Os admiradores da eximia cantora empenharam se em dar á festa, que significava não só homenagem de admiração pelo valor da artista, mas de sympathia pelas suas qualidades pessoaes, o maior brilho e esplendor.

O theatro apresentou-se elegantemente adornado de plantas, desde a tribuna real que se conservou aberta e ostentando um massiço de soberbas palmeiras e bananeiras, até ao palco, que para a representação do 1.º acto da *Lucia* foi convertido n'um verdadeiro jardim, com arbustos naturaes, dispostos com a mais graciosa arte por um distinctissimo botanico.

No atrio do theatro tocou, durante toda a noite, a banda dos marinheiros, e no palco uma outra banda, executando, durante os intervallos, um escolhido reportorio.

Escusado é dizer que Regina cantou primorosamente, provocando os mais expontaneos applausos. Toda a representação da *Lucia*, as arias do *Mysoli*, da *Flauta magica* e principalmente as trovas das *carceleras*, formosas canções andaluzas a que Regina deu um relevo e graça especiaes, valeram-lhe uma delirante ovação, sendo sempre a cantora chamada ao proscenio, e ali acclamada com o mais vivo enthusiasmo.

E não se calcula a profusão de ramos e de elegantes *corbeilles* de flores, que, durante toda a noite, lhe foram offerecidas em scena.

Foi, durante esses momentos em que Regina se conservava no proscenio, que lhe foram entregues, entre muitas outras, as seguintes prendas valiosissimas:

De S. M. a Rainha — uma esplendida setta de brilhantes e rubis;

De S. M. a Rainha, sr. D. Maria Pia — uma linda pulseira com uma rosacea de brilhantes e saphira.

Do sr. Marquez de Franco — um bello collar de ouro;

Do sr. João Bergaro — uma elegante pulseira de ouro lavrado cravejada de pedras preciosas;

Do sr. Eduardo Romero — um broche de brilhantes e perolas.

Do sr. Freitas Brito — um valioso par de brincos de brilhantes.

A gentil cantora foi conduzida do theatro para casa n'uma carruagem tirada a duas parelhas, e acompanhada por uma *marche aux flambeaux*.

N'um dos proximos dias deve realisar-se, em beneficio do cofre das *Missões ultramarinas*, um espectaculo, que Regina Pacini promove em S. Carlos e que offereceu a S. M. a Rainha.

*

D. Maria

Deve fazer-se hoje de novo a *reprise* do *Tio Milhões*.

Gymnasio

Representou-se hontem pela primeira vez a comedia *O filho do major*, original do sr. Campos Junior.

*

Trindade

Subiu hontem á scena a opereta *Viagem do Rei Carrapato*, lettra original do sr. Eduardo Sewalbach e muzica de V. Hussla.

*

Rua dos Condes

Por doença do actor Joaquim d'Almeida, não se realisou hontem a primeira representação da opereta *Cócó-Reineta e Facada*, original dos srs. D. João da Camara e Gervasio Lobato, e muzica do sr. Cyriaco Cardoso.

*

Como se vê, houve em uma só noite, a representação de duas peças originaes.

No proximo numero nos referiremos ao merito e desempenho de cada uma.

*

Nos outros theatros continuaram os espectaculos já conhecidos.

*

Praças de touros

Logo, se o sol brilhar e tiver seccado o horrendo lamaçal que a chuva de hontem produziu, inauguram-se, na presente epocha, as corridas de touros na praça do Campo Pequeno.

Ás 4 horas e meia, que é quando deve começar o espectaculo, estarão de certo todos os camarotes occupados, e em muitos d'elles se verá figurar a graciosa mantilha hespanhola de rendas brancas envolvendo os cabellos negros de qualquer sevilhana ou granadina. *A los toros!*

Não poderão as lindas espectadoras dizer, como na cançoneta:

Que maravilla
Mamá!
De ver Frascuelo
Con su cuadrilla,
Mamá!

Mas, emfim, se não ha Frascuelos, nem Lagartijos, nem Mazantinis, para nomear ás mamás, ha os cavalleiros portuguezes Alfredo Tinoco e Fernando de Oliveira, acompanhados dos bandarilheiros Peixinhos, Calabaça, Sancho, João Roberto, Filippe Aragon *(El Minuto)*, Vicente Mendes *(El Pescadero)* Jorge Cadete e Theodoro Gonçalves.

Os 12 touros, uns puros e outros corridos, pertencem á ganaderia do sr. Paulino da Cunha e Silva.

Bem sabemos que faltam por ora dois elementos essenciaes para estimular os bois: a mosca que ferra o cachaço e a poeira que accommette os olhos. Mas, com a graça de Deus e de um bom par de ferros, collocados a preceito, não ha touro que não arremetta, e que não ponha os toureiros n'uma debandada.

Veremos o que succede!

SPECTATOR

Typ. Christovão—R. de S. Paulo, 6 e 8.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1